

Dois ou Três Ofícios?

G. I. Williamson

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

[...]

I. AS QUALIFICAÇÕES BÍBLICAS

Se minha análise está correta até aqui, existem dois ofícios permanentes na igreja, o ofício de presbítero (bispo) e o ofício de diácono. Mesmo que eu estivesse seguro que o ofício de evangelista continua hoje, a própria natureza da obra que um evangelista é chamado a realizar indicaria que esse ofício teria que ser conferido por uma assembleia mais ampla, tal como o Presbitério que ordenou Timóteo [1Tm 4.14] ou uma Assembleia Geral [Atos 15]. Em outras palavras, a ordenação a esse ofício teria que ser conferida por um corpo coletivo de presbíteros. Assim, o ofício ainda não diferiria essencialmente do ofício de presbítero. No que diz respeito à igreja local, então, precisamos considerar os ofícios de presbítero e diácono.

Como você indubitavelmente sabe, há muito existe uma diferença de opinião entre os Reformados quanto ao número de ofícios permanentes na Igreja. Alguns têm sustentado o que tem sido chamado a visão dos “três ofícios”. Essa visão não defende a

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em dezembro de 2013.

existência do ofício de evangelista, mas vê o ofício do ministro da Palavra como distinto do presbítero regente e diácono. Outros sustentam que existem apenas dois ofícios — presbíteros e diáconos — mas que dentro do ofício de presbítero há uma divisão de trabalho. Estou inclinado a essa segunda visão por suas razões básicas.

(1) Se adotarmos a visão de três ofícios, encaramos um problema gigantesco. Onde encontramos as qualificações para ministros na Escritura? E onde encontramos as qualificações para presbíteros? Em Timóteo 3 e Tito 1 encontramos duas listas de qualificações. Para bispos (que são chamados também de presbíteros) e diáconos. Assim, a questão óbvia seria: por que o apóstolo dá apenas duas listas de qualificações se, de fato, ele sabia que existem três ofícios? Colocando a pergunta de outra forma: se mantemos a visão de três ofícios onde encontramos as qualificações para o terceiro ofício? Parece-nos autoevidente que há apenas duas *listas* porque há, de fato, apenas dois *ofícios*.

(2) Isso é confirmado, assim vejo, por 1 Timóteo 5.17, que diz: “*Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina*” (ARC). Parece-me que esse texto mostra claramente que já nas igrejas apostólicas, havia uma divisão de trabalho entre aqueles que eram chamados presbíteros e que, por essa razão, eram dignos de duplicada honra. Mas havia também aqueles que — em adição a governar bem — trabalhavam na palavra e na doutrina. Em meu julgamento, isso indica que (1) na constituição apostólica da igreja esse era um único ofício; que (2) não obstante isso, dentro desse

ofício havia, por sanção divina, tal divisão de trabalho constituindo dois tipos de presbiterato, a saber, “regente” e “docente”; e, todavia, que (3) por ser um único ofício, não havia necessidade de duas séries de qualificações.

Tendo dito isso, contudo, quero deixar claro que não tenho dificuldades em viver harmoniosamente com homens que defendem a visão dos três ofícios. Digo isso pois concordamos que há uma diferença significativa entre aqueles presbíteros cujo trabalho primário é governar e aqueles cujo trabalho primário é ensinar. Essa é uma diferença importante. Por essa razão, não creio que haja *necessariamente* uma diferença grande — falando quanto à prática — entre a visão de dois e três ofícios. Por um lado, concordamos que homens sem todos os dons e o treinamento necessário para o ministério público da Palavra *não* estão por causa disso desqualificados para servir como presbíteros regentes. E, por outro, concordamos que os presbíteros docentes possuem funções especiais e, portanto, deveriam receber treinamento especial.

[...]

Fonte: Trecho do excelente artigo *A Look at the Biblical Offices*, de G. I. Williamson, que apareceu na revista *Ordained Servant* vol. 1, no. 2 (Abril 1992).